



DO RESTO PERTURBADOR

por Danielle Naves de Oliveira¹

Resumo:

"Apague o que você não quer ver, o que você não agüenta mais ver. Delete o pai, o criador. Destrua o indestrutível". Uma voz metafísica assim nos dita. Aqui está o abismo, na desobediência prometeica, na invenção de novas imagens através da suposta destruição de outras. Condenado a ver, o homem oscila entre o zero e o um, entre criador e criatura, entre o nada e o todo. Resta rastrear esta interminável escravidão, a da faculdade pura de ver.

Abstract:

"Erase whatever you don't want to see, whatever you can't stand seeing any longer. Delete the father, the creator. Destroy the undestructible". So does a metaphysical voice dictate to us. Here is the abyss, in the Promethean disobedience, in the invention of new images through the presumed destruction of others. Condemned to see, man oscillates between zero and one, between creator and creature, between nothing and wholeness. It is left to trace down this endless slavery, the pure faculty of seeing.

¹ Danielle Naves de Oliveira é jornalista pela UFMS, mestre em Ciências da Comunicação pela Eca/Usp e professora de Jornalismo na Universidade Mackenzie. É doutoranda em Ciências da Comunicação na Universidade de São Paulo.





""Senhor...se não restam mais humanos, que ao menos restem robôs-Ao menos a sombra do homem!"

Karel Capel, R.U.R. (Rossum's Universal Robots), 1920

0.

Ponto de partida é apenas um ponto. Um nulodimensional – e que pouco provavelmente deixará de sê-lo. Em sua partida, o que importa é rastrear os disfarces do abismo. Desvelar imagens do aniquilamento, da nadificação, do assassinato, da exclusão, da morte. Na cultura, é esta a tecla "deletar" que se instala por todas as partes, sugerindo o sumiço, de forma limpa e sem sangue, das imagens indesejáveis. Recorrência em torno do mesmo: a imagem-homem ocupa-se em matar outras imagens, muitas vezes por ele próprio criadas.

Ponto é o zero axial, o círculo, o fechamento. De fato, nada o corrompe. É ele próprio a via do irrisório, niilista, nadificante. Converge para si os restos aniquilados pela cultura – para si, para o nada. Ora, para onde mais iriam todos os rejeitos, imagens de fotos rasgadas, letras de cartas queimadas, de mensagens excluídas, de arquivos viralmente corrompidos? Ou ainda: para onde iriam os pais e os filhos desaparecidos? Em que limbo se escondem estes restos – perturbadores, estes sem-dimensão?

1.

E sobre qual abismo (abertura-falha-insondável) se manifesta este aniquilar? Não, certamente não é no abismo dos poros. O homem-imagem tem agora somente espelhos de poros, de carne-clean, fantasmas. Não há mais gotas de suor, apenas espelhos que se





refletem mutuamente, uns aos outros e sem qualquer ponto de partida. O início se perdeu.

No início? o nada. E este fez-se dimensão, linha, ângulo, plano, cubo. Lá está o quadrilátero, o espelho com cantos, ângulos-restos, a luta pérfida das imagens que se pretendem corpos. O quadrilátero mostra: um outro apagão; "apague os amigos indesejáveis, as marcas do tempo, as rugas na testa, os exageros de luz..." mas esquece de apagar as sombras. Pois de tudo fica um pouco (diz Drummond), fica um rastro (diz Kamper). O quadrilátero mostra: o pai desapareceu, foi para o limbo das imagens deletadas. Ruth e Raquel, filhas bíblicas de um Labão pós-moderno, procuram-no desesperadas. Elas, mulheres dimensionais, são portadoras do grito e da imagem do grito. Ele, um certo uno, fica perdido no nuloponto, no purgatório dos deletados. Limbo como recycle bin.

0.

O aniquilar pretende ser zero. Mas não o é.

Aniquiliar, no limite, é desfazer a Criação, combater o Deus, renegar a cosmogonia. Como viu Cioran, no *L'incóvenient d'être né*: "Desfazer, des-criar, é a única tarefa para a qual o homem pode se assinalar – se ele aspira, como tudo indica, distinguir-se do Criador". Não se apagam as imagens incômodas... pois elas reagem. Que faz a sombra perdida na foto, sombra sem corpo, sem matriz?

Que faz esta sombra-abismo, senão assustar? De onde vêm estas imagens de fundo, meros fundos sem profundidade? Retoma-se Heidegger (em *Introdução à Metafísica*):

O que se põe em questão entra, assim, numa referência com o fundo.





Sendo, porém, uma questão, fica em aberto se o fundo (Grund) é um fundamento originário (Ur-grund), verdadeiramente fundante, que produz fundação; ou se ele nega qualquer fundação e é assim um abismo (Abgrund), ou se o fundo não é nem uma coisa nem outra, mas dá simplesmente uma aparência, talvez necessária, de fundação, tornando-se pois um simulacro de fundamento (Un-grund).

1.

Sobre o abismo. Ponto após ponto. Zero após zero. O que se tem é a linha.

O fio. Fio condutor que não conduz. O um. Não está aí para indicar direção, finalidade, telos. Um zero após outro forma o fio, o caminho que leva a nenhuma parte, aporia na floresta escura. Linha, fio. Linha talvez não-reta. Não há caminho reto, nem linha reta. Fio: novelo imbricado de pontos, conjunção de diversos nãodimensionais.

Linha é o uno-dimensional, forma aberta, seta ainda sem arco. Para formar o dois: linha com outra linha, ângulo. Ponto de vista. Perspectiva moderna. Para formar o três: profundidade, corporeidade, profusão de calores.

0.

"Apague o que você não quer ver, o que você não agüenta mais ver. Delete o pai, o criador. Destrua o indestrutível". Uma voz metafísica assim nos dita. Aqui está o abismo, na desobediência prometeica, na invenção de novas imagens através da suposta destruição de outras. Condenado a ver, o homem oscila entre o zero e o um, entre criador e criatura, entre o nada e o todo. Resta rastrear esta interminável escravidão, a da faculdade pura de ver. Fica a palavra de Éluard:





De início, um grande desejo me veio, solene e repentinamente. Eu tinha frio. Todo meu ser vivente e corrompido aspirava à rigidez e à majestade dos mortos. Fui tentado, em seguida, por um mistério no qual as formas não desempenham nenhum papel. Curioso de um céu descolorado de onde as aves e as nuvens foram banidas. Eu me tornei escravo da faculdade pura de ver, escravo de meus olhos puros e virgens, ignorantes do mundo e deles mesmos. Potência tranqüila. Suprimi o visível e o invisível, perdi-me em um espelho sem ângulos. Indestrutível, eu não estava cego.

1.

Se Deus cria do nada, o homem cria o nada.

0.

No limite, o limite é a morte.

BATAILLE, Georges. [1943]. *A experiência interior*. Trad. Celso Libânio Coutinho, Magali Montagné e Antonio Ceschin. São Paulo: Ática, 1992.

CIORAN, Emil. *De l'inconvénient d'être né*. Paris: Gallimard, [data desconhecida]

ÉLUARD, Paul. [1926]. *Le dessous d'une vie ou la pyramide humaine*. Paris: Gallimard, 1951.

HEIDEGGER, Martin. [1953]. *Introdução à metafísica*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.





KAMPER, Dietmar. *Imanência dos media e corporeidade transcendental. Oito postos de observação para um futuro medial. Tradução do alemão: Ciro Marcondes Filho*. São Paulo, 1998.

_____. "Os padecimentos dos olhos". In: *Ensaio da complexidade*. Porto Alegre: Sulina, 1997.

_____. *As máquinas são tão mortais quanto as pessoas. Uma tentativa de excluir o telemático do pensamento. Trad. Ciro Marcondes Filho*. São Paulo, 1998.

_____. "O medial, o virtual o telemático: o espírito voltado a uma corporeidade transcendental". Trad. Ciro Marcondes Filho. In: FASSLER, M./HALBARCH, W.R. (org.). *Cyberspace. Gemeinschaften, virtuelle Kolonien, Öffentlichkeiten*. Munique, Wilhelm Fink, 1994, p. 229-237.

_____. *O presente impossível: metáfora da transfiguração do corpo em imagem. Trad. Norval Baitello Jr., Palestra proferida da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 24/ago/1999*.

